



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

ARGUMENTAÇÃO E CERTEZA

Sheila ELIAS DE OLIVEIRA ¹

Vinícius MASSAD CASTRO²

RESUMO: Em sua reflexão sobre a certeza, Wittgenstein (*Da certeza*, 1959) nos convida a desconfiar das certezas evidentes nos “jogos de linguagem”, excluídas da dúvida do “homem sensato” para que ele possa apoiar nelas novas certezas. Nos convida também a questionar aquilo que, entre a crença e o saber, ancora nossas certezas. No grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED), inspirados nas questões postas pelo autor, buscamos contribuir para a compreensão do funcionamento da linguagem como base material para a construção das certezas. Neste simpósio, queremos investigar os mecanismos argumentativos nessa construção, considerados como um indício de que, se é preciso argumentar, a certeza não é inquestionável. A partir de uma tomada de posição materialista, entendemos que está em jogo o funcionamento político da linguagem (ORLANDI, 1996, *Interpretação*; GUIMARÃES, 2002, *Semântica do Acontecimento*; ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, *Sobre o funcionamento do político na linguagem*), no qual se constituem as divisões e disputas do sentido. De um lado, o efeito de evidência dos sentidos; de outro, a identificação do sujeito com formações discursivas (PÊCHEUX, 1975, *Semântica e discurso*) podem nos ajudar a compreender a produção dos sentidos da certeza. Pelo primeiro, as certezas significam como verdades que não precisam (ou não devem) ser afirmadas; pelo segundo, se pode ser instado a afirmar, defender, justificar ou pelo menos implicar aquilo que significa como certo no dizer. Na contemporaneidade, práticas correntes no debate público podem ser pensadas em relação à construção das certezas como efeitos de sentido na linguagem: na discussão política, a divisão maniqueísta e superficial das ideias na chamada *polarização*; nas redes sociais, os *discursos de ódio*; na disputa jurídica, a substituição de *provas* por *convicções*; no jornalismo, o boom dos sites de verificação de fatos (*fact checking*). Propomos interrogar essas e outras práticas de linguagem, buscando compreender os mecanismos linguísticos e enunciativos que elas mobilizam na argumentação das certezas e os processos discursivos nos quais sustentam essa construção. Buscamos, ainda, questionar o modo como essas práticas são classificadas, nomeadas, explicadas e por essa via inscritas em consensos, constituindo-se elas mesmas em certezas sobre o funcionamento das relações sociais. Pesquisadores que fazem ou não parte do LED e se identificam com a proposta serão bem-vindos.

PALAVRAS-CHAVE: Político. Certeza. Enunciação. Discurso.

1 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: sheilaeliasdeoliveira@gmail.com

2 Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: vinimc831@gmail.com



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

GREVE DOS PROFESSORES DO/NO PARANÁ: ARGUMENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CERTEZA NO DISCURSO

Adriana Aparecida VAZ DA COSTA
(ad.vazz@yahoo.com.br)

RESUMO: A história de tensão entre os professores do estado do Paraná e o governo do estado (representado por vários governadores que assumiram a cadeira) é de longa data, remonta às décadas de 1980 e 1990. Uma das reivindicações, que vem se prolongando desde governos anteriores, é o reajuste salarial anual previsto para os servidores, mas que não está sendo cumprido. Em 2019, Ratinho Jr, assumiu o governo do estado, quando assumiu, garantiu que haveria uma mesa de negociação com os servidores; por isso, os Fóruns das Entidades Sindicais (FES) aguardaram durante seis meses por uma proposta de negociação por parte do governo. Como não houve proposta, iniciaram uma greve em junho de 2019. É nesse contexto que situamos a proposta deste trabalho cujo objetivo é analisar os enunciados produzidos durante a greve dos professores do Paraná em 2019 e que circularam na mídia impressa, televisiva locais e também em sites e jornais online. Tais enunciados instauram na/pela linguagem a disputa entre servidores e governo no processo de negociação das reivindicações apresentadas pelos trabalhadores. A tensão entre os professores e o governador se intensificou quando este, inicialmente, se negou a negociar com os servidores por considerar que o movimento teria pouca adesão dos servidores, contabilizado por ele como “4%”. A porcentagem apresentada no discurso do governo sob a evidência da certeza constitui argumento para a não negociação com os professores e a deslegitimação da greve que é predicada como “muito pequena”, além da representação dos professores como aqueles que não dialogam, “quem faz greve não tem conversa”. Por outro lado, as entidades sindicais afirmam que a adesão era mais de “60%” dos servidores do Paraná. Tendo em vista o exposto, em nossas reflexões sobre a questão, buscaremos compreender, a partir da Semântica do Acontecimento, como a argumentação é construída no discurso do governo sobre a greve no processo de negociação com os professores e como sob a evidência da certeza esse discurso produz efeitos de sentido sobre os professores, sobre o movimento e sua legitimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Certeza. Argumentação. Semântica do Acontecimento. Sentidos.

A CONSTRUÇÃO DE CERTEZAS SOBRE A LÍNGUA NACIONAL NO BRASIL NO SÉCULO XIX

Amanda ALVES (UNICAMP)
amanda_alv@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de análise palavras cuja origem é atribuída a línguas africanas como entradas no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* (MACEDO SOARES, 1888). O quadro teórico-metodológico se constrói em uma posição epistemológica materialista, em um diálogo entre a Semântica do Acontecimento, a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas no Brasil, além das reflexões sobre a certeza desenvolvidas no grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED). Trabalhos desenvolvidos no programa História das Ideias Linguísticas no Brasil mostram, desde a década de 1990, que gramáticas e dicionários são um observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história. Mostram também que a reflexão sobre a língua portuguesa no Brasil no século XIX é marcada pela reivindicação de uma língua, escrita e literatura próprias em relação a Portugal. A língua e sua descrição têm lugar fundamental na constituição de um imaginário de identidade nacional. O título do dicionário de Macedo Soares indica essa direção, ao especificar a obra como um dicionário ‘brasileiro’ da língua portuguesa. No prólogo, essa direção argumentativa se explicita; o autor afirma que “já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não como se escreve em Portugal”. Buscamos analisar, neste dicionário, outro lado dessa história: não a relação com a língua nacional e oficial de Portugal, mas a relação com as línguas africanas presentes no território brasileiro. Queremos compreender de que modo o dicionário de Macedo Soares significa a presença das línguas e dos sujeitos de origem africana na constituição da língua portuguesa que ele descreve em seu dicionário brasileiro. Para isso, investigaremos os verbetes cuja origem é atribuída a línguas africanas. Qual a porcentagem de palavras-entradas atribuídas a línguas africanas na nomenclatura do dicionário de Macedo Soares? Essas entradas podem ser reunidas por temáticas (tais como religião ou alimentação, por exemplo)? De que modo essas palavras-entradas são relacionadas à língua portuguesa descrita e à identidade dos sujeitos falantes dessa língua? Essas são algumas questões que nortearão nossa análise. Se o prólogo de Macedo Soares orienta argumentativamente para a conclusão de que há uma identidade linguística na língua portuguesa falada no Brasil diferente daquela escrita em Portugal, que pode ser estendida à conclusão de que os sujeitos brasileiros têm uma identidade diferente dos sujeitos portugueses, nos perguntamos como a descrição do conjunto de palavras-entradas com origem africana atribuída argumentam na direção da constituição de uma identidade nacional no Brasil do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade nacional. Palavras Africanas. Língua Portuguesa. Lexicografia brasileira.

ROCK, DROGAS, SEXO, ABORTO E SATANISMO: A RELAÇÃO
ENTRE SABER E CRENÇA NO FUNCIONAMENTO DE
SENTIDOS DE UM DIZER CONSPIRATÓRIO

Anderson Braga do CARMO (Universidade Estadual de Goiás)
andersonbdocarmo@hotmail.com

RESUMO: “A verdade é assim: o rock ativa a droga, que ativa o sexo, que ativa a indústria do aborto. E a indústria do aborto, por sua vez, alimenta uma coisa muito mais pesada, que é o satanismo”. O enunciado em recorte reproduz enquanto máxima e de forma articulada tópicos que formulam o que poderíamos designar de dizer conspiratório. Iguais a este temos vários outros, que vez ou outra aparecem na mídia e causam repercussão, principalmente quando divulgados em ambiente digital, no qual os debates são sempre polarizados. O enunciado em destaque foi proferido pelo atual presidente da Funarte, Dante Mantovani, em sua conta no *Youtube* e, não para menos, dividiu a opinião de muitos usuários da rede. A “teoria” estabelecida versa sobre nomes conhecidos, como Adorno, Beatles e Elvis Presley, e não é alimentada enquanto suposição ou especulação, visto que filosofia e fatos históricos são mobilizados para tornar evidente e indubitável a relação entre rock e satanismo. Na relação entre linguagem e saber, neste estudo, questionamos o lugar da crença e como se dá o seu funcionamento na sustentação dos efeitos de certeza que a teoria em análise expressa. Assim, concentrando nossa proposta em uma perspectiva materialista de linguagem e mobilizando categorias enunciativas e discursivas, visamos compreender como se constrói no dizer deste sujeito uma rede de filiações que não se encadeiam automaticamente: rock, drogas, sexo aborto e satanismo. No jogo de linguagem produzido no vídeo, pesa o lugar de fala do sujeito, que se legitima não apenas por assumir a posição de presidente de uma das fundações de arte e cultura mais importantes do país, mas a de maestro e conhecedor das áreas de música, filosofia e estudos da linguagem. Assim, ao olharmos para a construção das certezas, as circunstâncias em que elas são evidenciadas pela linguagem e a associação do saberes com a crenças (Wittgenstein, 1969) buscamos verificar como se instaura e se legitima este dizer, a partir de um gesto de leitura que pensa a certeza como uma questão política, simbólica e de manifestação de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Dizer conspiratório. Certeza. Crença. Memória.

CERTEZAS SOBRE MULHERES ASSEDIADAS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Florisbete DE JESUS SILVA (Unicamp)
florisbete@gmail.com

RESUMO: A proposta deste trabalho é analisar as expressões de certeza que constituem as enunciações de leitores/as internautas, acerca de mulheres que sofrem assédio sexual. Para tanto, selecionaremos reportagens publicadas em jornais que compõem a mídia digital brasileira e que apresentem um espaço para participação do/a leitor/a, por meio de comentários sobre o assunto. O nosso interesse pelo tema justifica-se pela observação de sentidos postos por determinados/as leitores/as, em relação à mulher que sofre esse tipo de assédio, a qual é julgada nesse jogo de significações, identificada como a responsável pelo assédio sofrido, não como vítima. Exemplo disso são alguns comentários que identificamos nos espaços para opiniões em páginas de algumas reportagens, onde aparecem afirmações como: *não houve nada demais; tudo não passa de falácias das feministas de plantão*. As discussões sobre estas expressões de certeza que aparecem nesses tipos de comentários terão embasamento na teoria wittgensteiniana, que nos convida a refletir sobre o papel da certeza nas argumentações, como ela pode ser tomada como evidência que apaga a não veracidade de alguns argumentos, criando limites para a manifestação da dúvida, para o questionamento sobre o que é falso e o que é verdadeiro, e isso pode resultar em crenças que podem dar origem a novas certezas, determinando o que é e o que não é válido nas afirmações (WITTGENSTEIN, 1969). Para a análise do corpus, mobilizaremos conceitos atrelados à Análise de Discurso Francesa (AD), construídos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, acerca do funcionamento político da linguagem, como mediadora entre os sujeitos e a realidade social, por meio de práticas discursivas em que esses sujeitos se inscrevem, em que os sentidos são construídos a partir do lugar no qual os discursos desses sujeitos são ideologicamente constituídos. Nossa análise também será fundamentada por conceitos mobilizados por Eduardo Guimarães (2005a; 2005b), na Semântica do Acontecimento, o qual nos convida a pensar que os sentidos são historicamente produzidos pela língua, à medida que esta é afetada pela exterioridade, e que a relação do sujeito com a língua ocorre no acontecimento, na relação desta com seus falantes, no espaço de enunciação, que é um espaço político onde é possível identificar o funcionamento da argumentação sustentando politicamente uma posição sobre algo que a enunciação significa.

PALAVRAS-CHAVE: Certezas. Assédio. Mulher. Sentidos.

A CONSTRUÇÃO DA CERTEZA DO PERIGO EM VERBETES DA PALAVRA ‘PIRIGUETE’ NO DICIONÁRIO inFORMAL

Helton Menézio Urtado ROCHA (UNICAMP)
helton.menezio@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho toma como objeto a designação da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal e visa analisar a construção da certeza do perigo como um efeito de sentido relacionado ao discurso machista. Segundo Elias de Oliveira (2014a, 2018), o Dicionário inFormal é um instrumento linguístico que faz parte de um novo modo de lexicografia, no qual o lugar de dizer do lexicógrafo é ocupado pelos falantes. Um exemplo desse novo modo de lexicografia é o acúmulo de verbetes: todos os verbetes propostos (e aceitos) para a mesma entrada são publicados. Assim, encontramos 62 verbetes para ‘piriguete’, publicados entre 2007 e 2019 por diferentes falantes, que, em sua grande maioria, (re)produzem juízos de valor negativos sobre a mulher. Trata-se de verbetes cujas definições trazem, muitas vezes, a certeza do perigo como um efeito de sentido relacionado ao discurso machista. O presente trabalho, partindo de uma posição epistemológica materialista sustentada teórico-metodologicamente na relação entre a Semântica da Enunciação e a Análise de Discurso Francesa, toma a linguagem em seu funcionamento político, funcionamento esse que constitui as divisões e as disputas do sentido (GUIMARÃES, 2002, *Semântica do Acontecimento*; ELIAS DE OLIVEIRA, 2014b, *Sobre o funcionamento do político na linguagem*). Tendo como objeto a designação da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal, objetivamos investigar, de um lado, quais são os mecanismos argumentativos usados na construção da certeza do perigo em torno da palavra ‘piriguete’ no Dicionário inFormal; de outro, objetivamos investigar se esse efeito de sentido da certeza do perigo está relacionado ao discurso machista. O sentido, para nós, se dá a partir do modo como a palavra ‘piriguete’ integra um enunciado, “enquanto elemento de um texto” (GUIMARÃES, 2002, *Semântica do Acontecimento*, p. 26). Considerando a designação como uma “relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (*id., ibid.*, p. 9), este trabalho partirá do acontecimento enunciativo das designações, levando em conta, de um lado, a “língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual enuncia-se algo”; de outro, levará em conta a temporalidade do acontecimento enunciativo e o “real a que o dizer se expõe ao falar dele” (*id., ibid.*, p. 11).

PALAVRAS-CHAVE: Piriguete. Certeza. Enunciação. Discurso.

PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE CERTEZAS NO GOVERNO BOLSONARO: A NEGAÇÃO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Renata ORTIZ BRANDÃO (UNICAMP)
renata.o.brandao@gmail.com

Flavio DA ROCHA BENAYON (UNICAMP)
benayon@globomail.com

RESUMO: O primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro foi marcado por gestos controversos, como a determinação de que uma *ordem do dia* fosse lida nos quartéis em comemoração a 1964, ano de início da ditadura militar no Brasil. A íntegra do documento foi divulgada pelo portal do Ministério da Defesa, sob o título de “Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964”. O referido texto contrapõe relatos, provas e pesquisas, que afirmam a ocorrência do golpe militar em 1964, seguido por uma ditadura que perdurou 21 anos. A *ordem do dia* produz uma disjunção entre “democracia” e “ideologias totalitárias”, de modo que esta segunda formulação significa sustentada sobre uma equivalência entre o nazifascismo e o comunismo: “Como faces de uma mesma moeda, tanto o comunismo quanto o nazifascismo passaram a constituir as principais ameaças à liberdade e à democracia”. Em 64, conforme o imaginário que sustenta a *ordem do dia*, o comunismo ameaçava o poder, de modo que os militares se apresentavam como a garantia da liberdade e da democracia no país. A certeza de que não houve golpe militar é construída a partir da impossibilidade de significar as forças militares, e seu governo, como totalitárias. Conforme o texto: “O 31 de março de 1964 estava inserido no ambiente da Guerra Fria, que se refletia pelo mundo e penetrava no País. As famílias no Brasil estavam alarmadas e colocaram-se em marcha. Diante de um cenário de graves convulsões, foi interrompida a escalada em direção ao totalitarismo”. A disjunção produzida no documento significa, por um lado, o comunismo e os movimentos que estão em relação parafrástica a ele, como o governo de João Goulart, como totalitários; por outro, o militarismo brasileiro como assegurador da liberdade e da democracia. O funcionamento opositivo é constitutivo das certezas que negam ter ocorrido uma ditadura militar; entretanto, no cerne desse mecanismo há a atualização de uma memória discursiva: em abril de 1964, perante o Congresso Nacional, Castello Branco, ao enunciar, produz um imaginário de defesa da democracia, significando a instauração do regime militar como um “movimento cívico da Nação brasileira”. O funcionamento que produz certezas em um enunciado ocorre em relação ao retorno de uma memória discursiva. A partir da Semântica Argumentativa, imbricada à Análise do Discurso Materialista, este trabalho propõe analisar os mecanismos intradiscursivos, remetidos ao interdiscurso, que transformam afirmações questionáveis em certezas inquestionáveis na *ordem do dia* de março de 2019.

PALAVRAS-CHAVE: Negação da Ditadura Militar. Comemoração do Golpe de 64. Memória Discursiva. Produção de Certezas.

CERTEZAS ANTI-DEMOCRÁTICAS: ARGUMENTAÇÃO E POLÍTICA DE SENTIDOS

Sheila ELIAS DE OLIVEIRA (UNICAMP)

sheilael@unicamp.br

RESUMO: A afirmação de certezas a partir de enunciados questionáveis, por um lado, e o questionamento de certezas tidas como inquestionáveis, oriundas da prática científica e do conhecimento histórico, por outro lado, são movimentos enunciativos que podem ser observados na contemporaneidade brasileira e no mundo ocidental globalizado. As *fake news*, notícias falsas publicadas como se fossem verdadeiras, e as *pós-verdades*, consensos produzidos sem sustentação em evidências pelo apelo a crenças e emoções, podem ser consideradas como exemplos do primeiro movimento enunciativo. Já o terraplanismo, a recusa à vacinação e a negação do Holocausto são exemplos do segundo movimento, pelo qual certezas científicas e históricas têm sido questionadas. Movimentos como esses, próprios da enunciação contemporânea, têm mobilizado estudiosos da significação do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED – UNICAMP/CNPq) para compreender a certeza como efeito de sentido na linguagem. Assumindo uma posição epistemológica materialista, entendemos que está em jogo o funcionamento político da linguagem (ORLANDI, 1996, *Interpretação*; GUIMARÃES, 2002, *Semântica do Acontecimento*; ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, *Sobre o funcionamento do político na linguagem*), no qual se constituem as divisões e disputas do sentido. Se é possível argumentar, a certeza não é inquestionável; ela é construída semanticamente. Nesta comunicação, propomos discutir mecanismos argumentativos mobilizados na construção das certezas em dizeres que fazem parte do debate público no Brasil. O intuito é refletir sobre os direcionamentos anti-democráticos de alguns desses dizeres. Neste momento institucional delicado da democracia, práticas contemporâneas de produção e circulação de certezas falaciosas tornam a vida em sociedade mais incerta, mais insegura e mais violenta. Os *discursos de ódio* são um exemplo extremo da violência verbal, e abordagens policiais que resultam na morte de cidadãos que não cometeram crimes são um exemplo extremo da violência física. Dar visibilidade aos procedimentos linguísticos e enunciativos mobilizados na argumentação para construção das certezas que sustentam práticas anti-democráticas e aos mecanismos ideológicos nos quais essas práticas se constituem visa contribuir para a formação de um olhar crítico sobre a manipulação da certeza como efeito de sentido no debate público e para o fortalecimento da cultura democrática no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Democracia. Certeza. Política de sentidos.

A DÚVIDA NA CONSTRUÇÃO DE UMA CERTEZA: UMA ANÁLISE ARGUMENTATIVA

Vinícius MASSAD CASTRO (UFTM)
vinimc831@gmail.com

RESUMO: Escrito originalmente como peça teatral em 2004, tendo como inspiração a invasão dos Estados Unidos ao Iraque em 2003, *Dúvida* foi adaptado e dirigido para o cinema em 2008 pelo seu próprio autor, John Patrick Shanley. Na escola católica São Nicolas do Bronx (bairro da cidade americana de Nova York), o Padre Flynn teria seduzido o aluno Donald Miller, segundo a coordenadora da escola, a freira Irmã Aloysius, no ano de 1964. O filme nos mostra como Aloysius, contrariando qualquer possibilidade de dúvida sobre o assédio, persegue o Padre até ele solicitar transferência para outra paróquia, embora, na cena final, após Flynn ser transferido, chore copiosamente diante da professora de Donald, Irmã James, afirmando ter muitas dúvidas. O filme de Shanley, ao nos contar a história de Aloysius, conta-nos sobre a construção de uma certeza cuja relação com a dúvida é contraditória: a nega, até o pedido de transferência do Padre, e a assume, após o Padre ser transferido. Por meio de uma análise argumentativa, fundamentada na Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2011, 2018), buscamos compreender como a certeza de Aloysius se constrói nessa contradição. Valendo-nos da noção de recorte enunciativo, formulado por Guimarães (2011) a partir de Orlandi (1984), recortamos, em um primeiro momento, trechos do roteiro cinematográfico do filme *Dúvida* a fim de construirmos a teia argumentativa (ELIAS DE OLIVEIRA, 1998) da certeza de Aloysius durante a perseguição ao Padre. Em um segundo momento, tomando como referência o estudo de Zoppi Fontana (2018) sobre o trajeto temático do verbete *pós-verdade* no *Oxford Dictionary*, analisamos em que medida a certeza de Aloysius, seja ao negar, seja ao assumir a dúvida, não se confunde com o modo como certezas são construídas pela prática da pós-verdade, o que teria inspirado Shanley a escrever a peça teatral que originou seu filme. Com essas análises, queremos mostrar a construção de uma certeza cuja relação com a dúvida vai além da anterioridade da primeira em relação à segunda como considera Wittgenstein (1969, p.103): “Comportamento de dúvida e de não dúvida. Só há o primeiro se houver o segundo”. Desse modo, esperamos contribuir para os estudos sobre a construção dos efeitos de certeza que tem sido objeto de trabalho do Grupo Linguagem, Enunciação, Discurso (LED) desde o ano de 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Dúvida. Certeza. Argumentação. Contradição.

